

A semiótica dos gestos: uma análise dos 5 estágios do luto em relação aos movimentos usados na serie The OA

Alexandre RICARDO¹

Diego CAVALCANTE²

Centro Universitário UniFanor Wyden, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação dos 5 estágios do luto teorizado pela psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross em seu livro *Sobre a Morte e o Morrer* publicado em 1969, com os movimentos coreografados na série de Televisão *The OA*, transmitida pela provedora de conteúdo via streaming, Netflix. Para isto, foi utilizada a abordagem semiótica proposta por Charles Sanders Peirce, sobretudo, a classe do legi-signo-simbólico-argumentativo. Na série, os 5 movimentos são usados de forma misteriosa, por isso, discutiremos como as fases do luto são representadas por cada movimento.

Palavras-chave: Semiótica; Luto, *The OA*; Movimentos; Kübler-Ross;

1. INTRODUÇÃO: MORTE

A morte é um assunto bastante polêmico. No dicionário, seu significado diz que é a interrupção definitiva da vida de um organismo. Para o Cristianismo, a ressurreição é possível e assim como Jesus Cristo, tanto os que fizeram coisas boas como os que se voltaram a maldade, irão renascer no dia do juízo final. Assim como em outras crenças, a morte não é fim, isso traz adiante uma enxurrada de possibilidades de sentido.

Na mitologia voltada ao ocidente, a morte representa uma entidade personificada como uma forma esquelética, encapuzada por uma grande manta negra e com uma foice que está associado a questão bíblica da vida ser o trigo e a morte o ceifador. A morte é também figurado na mitologia grega, onde Tântato é a própria morte, e Hades é o Deus do mundo dos mortos.

¹ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIFANOR, e-mail: alexandricardomjc@gmail.com

² Orientador do trabalho. Doutor em ciências da comunicação. Professor de Semiótica da UNIFANOR, e-mail: diegosemiatica@gmail.com

Nas tradições Mexicanas, a morte é considerada uma deusa, por isso comemora-se o dia dos mortos. Crença voltada ao catolicismo da região e que tem pelos menos 3 mil anos de história.

Mas e a ciência, como trata a morte? Por muito tempo, poucos cientistas se interessaram por estudar a morte, o antes e o que vem depois dela. Mas com isso, aqueles que buscaram entender mais sobre o assunto, entraram a fundo, desenvolveram pesquisas únicas e transformaram um mundo de possibilidades. Leonard Hayflick (1965) foi um médico criador do limite de Hayflick que diz que os seres-humanos não são imortais pois não regeram os telômeros para as células se dividir infinitamente fora do corpo. Mas no caso de Henrietta Lacks houve um uma contradição, pois suas células são usadas até hoje para curar doenças. isso traz a pensar que ela poderia ser imortal? Não, pois ela morreu logo depois da coleta de suas células de acordo com Rebecca Skloot em seu livro, *A vida imortal de Henrietta Lacks*:

Henrietta morreu em 1951, de um caso grave de câncer cervical, ele nos contou. Mas, antes de ela morrer, um cirurgião extraiu amostras de seu tumor e colocou-as numa placa de Petri. Os cientistas vinham tentando manter células humanas vivas em culturas havia décadas, mas elas sempre acabavam morrendo. As células de Henrietta foram diferentes: elas reproduziam uma geração inteira a cada 24 horas, e nunca pararam. Tornaram-se as primeiras células humanas a se reproduzir em laboratório. (SKLOOT, 2010, P.12)

Mas porque essa informação seria relevante, se a morte em si não pode ser compreendida? Porque pesquisar sobre ela? Os efeitos da morte são classificados como pré-morte, momento da morte e pós-morte, e são organizadas assim não somente para o indivíduo que está prestes a morrer, e sim para aqueles que passam pela perda de alguém de todas as formas.

Na área da saúde, profissionais são tratados para suportar as perdas diárias de seus pacientes. Não é fácil para uma enfermeira ter que cuidar de um paciente, se apegar e saber que os dias de vida dele estão contados. Muito menos para um familiar, o próximo a quem aquela pessoa tem. Por muitas vezes, pessoas vão atrás de ajuda de médicos nos hospitais, passam por situações difíceis e emocionalmente sofrem por antecipação.

Os capelães e os assistentes sociais têm de descobrir e suprir as necessidades desses pacientes, mesmo sem ser o seu papel. Essas pessoas devem ser encaminhadas a

psiquiatras, que estudam a morte e sabem como amenizar a dor, solidão, isolamento, anseio e angústia para um paciente moribundo.

Para Kübler-Ross (1969, p.13), a morte não é abominável e é algo compreensível, pois é uma impressão vinda desde o começo da sociedade que em nosso inconsciente a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. Se o inconsciente imaginar o fim absoluto para nossa vida, isto será atribuído de imediato, que a morte é algo maligno e que só podemos sofrer. Por isso, o ser-humano esconde acreditar verdadeiramente em seu fim, de acordo com Elisabeth Kübler-Ross, em seu livro *Sobre a Morte e o Morrer* (1969, p.8)

1.2 OS CINCO ESTÁGIOS DO LUTO

A partir disso, chegamos ao ponto onde entenderemos que a morte afeta e deixa marcas por onde passa. Sendo assim, chegamos na pesquisa da psiquiatra citada antes, Elisabeth Kübler-Ross (1969), nascida na Suíça em 8 de julho de 1926 e pioneira no tratamento de pacientes em estado terminal. Faleceu em 2004, com 78 anos, após uma série de derrames cerebrais.

Em seu primeiro Livro, Kübler-Ross fala de uma série de entrevistas com pacientes terminais usada como métodos didáticos e aprovado pelo ponto de vista ético. As entrevistas se tornaram seminários no próprio hospital, que enquanto o paciente era entrevistado, médicos e residentes aprendiam, e para Elisabeth, naquele momento, o paciente se tornava o professor e era assim que ela entendia sobre a morte e morrer, nome dado aos seus seminários.

Em seu estudo feito com os pacientes, a doutora aprendeu o que chamamos de o método de Kübler-Ross, mais conhecidos como os cinco estágios do luto, onde ela clássica as fases do luto de uma forma que a pessoa que está disposta a ajudar entenda a lidar com essa situação usando esses mecanismos.

O primeiro estágio é a Negação e o isolamento. o paciente moribundo diz “- Não, eu não, não pode ser verdade.” Ele não quer acreditar que logo vai morrer, ou em outro caso, a pessoa não acredita que perdeu alguém, e quer que aquilo seja apenas mentira.

O segundo estágio é a raiva. O paciente se frustra com si próprio achando que poderia ter feito algo que pudesse ter evitado aquela situação. Ele fala “Por que eu?” e logo com a culpa: “Pois é, é comigo, não foi engano.” se auto detonando.

No terceiro estágio, temos a barganha, o menos conhecido. É o ser acreditar que se ele apelar para alguma situação boa tudo pode mudar, ou seja, negociação. Assim como uma filha pede aos pais para ir a uma festa: “Se eu ficar boazinha a semana toda e lavar a louça toda noite, você deixa eu ir?”, é como para o paciente: “Se Deus decidiu levar-me deste mundo e não atendeu a meus apelos cheios de ira, talvez seja mais condescendente se eu apelar com calma.”

No quarto estágio temos a depressão. É quando não se pode mais negar que a morte se aproxima ou que após sofrer muito com uma perda não existe mais solução para que o seu mundo volte ao normal. A tristeza toma de conta.

No quinto e último estágio, o paciente passa a ser atingido pela aceitação. É a fase que ele aceita a situação, lembra das coisas boas de sua vida e compreende que aquilo tem algum significado. “É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do “repouso derradeiro antes da longa viagem”, no dizer de um paciente.” (Kübler-Ross, 1969, p.127).

Portanto, a teoria criada por Elisabeth Kübler-Ross trouxe cinco mecanismos de defesa que todo ser humano deve utilizar involuntariamente, ou seja, naquele momento é a única forma pelo qual a pessoa específica é capaz de enfrentar a situação. Os estágios não possuem ordem, muito menos uma cronologia. Pode ser mais de um ao mesmo tempo, assim como pode acontecer de alguns dos estágios não ser vivenciados.

A intenção de Elisabeth sempre foi ajudar. Ela deu significado a coisa que já existia, mas criando todo um processo da abordagem semiótica. Com isso, tanto o seu livro como a sua teoria abriu um mundo de possibilidades, trazendo inspirações e criando métodos novos de aplicação. A série The OA traz um novo jeito de acrescentar essa teoria na cultura da dramaturgia de ficção científica.

1.3 A SÉRIE THE OA

A série de televisão The OA, foi lançada em 16 de dezembro de 2016 pelo Netflix, provedora de conteúdo via streaming de séries e filmes. Foi Criada por Zal

Batmanglij e Brit Marling, que ao mesmo tempo fez o papel de atriz protagonista. A série envolve muito drama e suspense, mas também traz a discussão de eventos sobrenaturais e fantasia, com um maior foco na ficção científica.

Sua história se inicia com Prairie Johnson após ter desaparecido por setes anos, reaparece tentando pular de uma ponte. Alguém na ponte grava um vídeo e seus pais adotivos veem que a sua filha voltou. Mas algo estava errado. Prairie era cega antes de desaparecer, mas agora volta com a capacidade de enxergar e fala que seu nome é OA. Ela reconhece seus pais após tocar os seus rostos, mas não fala nada nem para eles nem para a FBI do que aconteceu durante seu desaparecimento. O mistério só aumenta quando OA reúne cinco pessoas aleatórias de sua comunidade e as confia o seu segredo. Ela revela todo o mistério da sua vida, desde quando ela nasceu (antes de ser adotada) até o momento em que voltou para casa nesses sete anos.

OA conta que nasceu na Rússia, se chamava Nina e que tinha uma vida muito feliz. Seu pai era muito rico, mas por ter muito dinheiro, uma máfia causa um acidente por vingança em um ônibus escolar onde estava todos os filhos dos oligarcas russos. O ônibus cai de uma ponte em um rio e Nina estava nele. Todas as crianças morrem, inclusive Nina, mas, ela aparece em um lugar estranho com uma mulher que diz que chama Katun. Essa mulher pergunta se Nina quer voltar a viver, diz também que ela conhecerá o amor da sua vida, mas que vai sofrer muito. Ela diz querer voltar e essa mulher tira a sua visão pois Nina iria ver coisas horríveis durante sua vida. Com isso, Nina sobrevive, mas fica cega.

Seu pai a manda para os Estados Unidos para ficar segura e estudar em uma escola especial para deficientes visuais, e ao longo dos dias ela liga para ele. Um dia ele acaba morrendo e Nina é obrigada a sair da escola e ir morar com uma tia que não tinha condições de mantê-la no colégio. Sua tia era na verdade uma mulher muito mal e estava envolvida com tráfico de crianças. Um casal adota Nina e muda seu nome para Prairie.

Prairie continua sua história e conta que aos seus 21 anos foge de casa com a convicção de que seu pai ainda estaria vivo, mas na verdade é sequestrada pelo Dr. Hunter Aloysius Percy, mais conhecido como HAP. Prairie é aprisionada em uma jaula de vidro com outras pessoas aleatórias, todos com histórias de vida diferente, porém, com relação de EQM (Experiência de quase morte). Por causa que cada um deles já tiveram histórico

de EQM, eles não têm facilidade de morrer e o Dr. HAP usa disso para que seja econômico e sempre fazer experiências com as mesmas pessoas sem que eles morram.

Ao longo dos anos, os cinco prisioneiros descobrem que estavam sendo cobaias morrendo e voltando a vida. Prairie, em uma tentativa de fuga, morre por uma pancada na cabeça dada pelo Doutor. Ela se encontra novamente com Katun e escolhe voltar para salvar os amigos ao invés de encontrar seu pai. Katun diz que Prairie precisa reunir cinco pessoas para evitar um grande mal e a faz engolir um passarinho que vai mostrar a ela uma nova forma de viajar que os humanos não conhecem. Também diz que Prairie é o original.

Prairie volta a vida e volta a enxergar também. Ela diz a todos os outros prisioneiros que eles todos eram anjos, o que faz se denominar como “OA”, *The Original Angel* (O Anjo Original). Após alguns anos, OA e Homer, um dos prisioneiros e a pessoa a quem que ela é apaixonada, descobrem que existe movimentos que eles não sabem como aprenderam. Um dos prisioneiros é morto por HAP, e OA e Homer fazem os movimentos que de imediato faz o sangue voltar ao corpo e ele ressuscita trazendo o terceiro movimento e falando que os movimentos têm o poder de abrir um portal para outras dimensões onde eles estariam livres e que também tinha a capacidade de fazer coisas incríveis.

Quando o quinto movimento é desvendado, o Dr. Hunter manda OA ir embora, diz que não precisa mais dela pois já tem o quinto movimento e se ela voltar, ele e os outros já estarão em outra dimensão.

Esse é o momento que ela volta para casa depois dos sete anos desaparecida e reúne aquelas pessoas a quem está contando a sua história. Por incrível que pareça, todos eles passam por algum problema emocional: Steve é raivoso e vingativo; Buck é um garoto adolescente trans; Jesse perdeu os pais e mora com a irmã; French tem uma mãe que só vive falando que está doente e que ele tem que ter dinheiro para pagar as contas; e por último, BBA, uma professora que recentemente perdeu o irmão gêmeo.

Quando OA termina de contar a sua história, a equipe é separada por vários acontecimentos. Em um certo dia, quando os cinco escolhidos por ela estão na escola, um garoto chega atirando no refeitório, pronto para fazer um possível massacre. OA percebe

que os seus sonhos recentes eram na verdade premonições, o que faz ela sair correndo para a escola.

O grupo percebe que é hora de fazer os movimentos. Então eles se levantam em frente ao atirador e fazer os cinco movimentos. Enquanto os movimentos são feitos e o atirador fica sem entender, um funcionário da escola o pega de surpresa e um tiro é disparado. OA ao fazer os movimentos do lado de fora, é baleada, e quando todos percebem, ela afirma que as ações deles deram certo e que ela sente que está indo para um outro lugar. Ela morre ainda na ambulância e acorda em outro lugar chamado pelo Homer.

A primeira temporada é formada por 8 episódios, e termina ainda deixando muitos mistérios. Um desses mistérios são os movimentos, que foram utilizados para ressuscitar personagens e por último enviar Prairie para uma outra dimensão, como ela mesma disse.

Esses movimentos são visualmente não muito incompreensíveis, e lembra mais uma coreografia. Com certeza os movimentos não foram colocados na série sem um sentido. Por isso, esse trabalho tem como objetivo dar significado a esses movimentos. Essa análise é para entender a abordagem semiótica da relação desses movimentos visuais feitos na série de televisão chamada The OA, com a Teoria da Psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross.

2. FENOMENOLOGIA E SEMIÓTICA

A fenomenologia é uma quase-ciência que descreve filosoficamente os fenômenos a partir de um pensamento de qualquer coisa ou tipo, que apareça em nossa mente. Sendo assim, a semiótica que é a ciência geral de todas as linguagens, tem como base essa fenomenologia assim definida por Peirce (1997).

Segundo Peirce, o signo é uma coisa que representa uma outra coisa e que produz um efeito interpretante. Está diretamente relacionado com certo aspecto que represente alguma coisa para um certo alguém. Deste modo, os signos estão presentes em nosso cotidiano.

"Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é objeto. Ele apenas está no lugar do objeto... ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade." (Santaella, p.58).

Peirce chegou a conclusão de que todo fenômeno pode ser dividido por uma classificação de três categorias. Essa interpretação se refere à fases operativas do processo de percepção de todo e qualquer signo. Elas são: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade é algo que há no fenômeno enquanto qualidade. Além disso, é a primeira percepção e é imediata em relação à realidade. A secundidade é a ação e reação, uma percepção secundária e que entra em contraposição com a primeira citada antes. Já a terceiridade, é a interpretação final, ou seja, um terceiro mediador com consciência e que aprende usando o poder da mente ou inteligência.

A semiose, segundo Peirce é quando o signo representa o objeto para um interpretante e executa na mente desse mesmo uma outra coisa que está associado ao objeto. Por isso, a terceiridade envolve as outras duas categorias, concluindo o pensamento por meio dos signos e conectando fenomenologia com a semiótica (PEIRCE, 1998, p. 65)

Segundo Peirce (2005, p. 51) os signos são divididos por três categorias de tricotomias que subdivide em mais três. A primeira é o signo em relação a ele mesmo, que subdivide em Quali-signos, Sin-signos e Legi-signos; na segunda temos o signo em relação ao objeto: Ícone, Índice e Símbolo; E a terceira é o signo em relação ao interpretante, composto por Rema, Dicente e Docente.

categorias universais	Signo em relação ao Signo	Signo em relação ao Objeto	Signo em Relação ao Interpretante
Primeiridade	Quali-signo: Diz respeito às qualidades que apresentam o signo por meio de formas, cores, sons e textura.	Ícone: Representa a semelhança. O interpretante assimila a qualidade.	Rema: Signo do objeto que pode haver possibilidade qualitativa de existência.

Secundidade	Sin-signo: Signo que contextualiza a singularidade da existência.	Índice: O signo indica uma outra coisa na qual tem uma ligação.	Dicente: Signo de existência real
Terceiridade	Legi-signo: Composição que o signo tem em comum com outro da mesma classe, com padrões determinados.	Símbolo: Signos com relação de convenção com seu objeto, conectado ao pensamento com a força da lei.	Argumento: O signo da lei para seu interpretante, com sequências lógicas.

Em sua terceiridade, somos guiados a pensar mais a fundo e entender o signo do objeto por completo. De acordo com Peirce(citação), existem variações com a definição de lógica e semiótica, que por sua vez, mostra como uma ciência de grande profundidade na representação dos signos em relação ao objeto. O autor ainda cita que a lógica classifica argumentos e assim se aprofunda mais ainda nas verdades por traz daqueles signos. Por outro lado, essa lógica vai diretamente ao símbolo, que por sua vez vem de uma lógica como ciência das leis. Sendo assim, além da relação lógica de total sentido com o objeto, o símbolo também se tem uma relação de sentido com si mesmo, pois pode expressar uma qualidade, uma existência e uma lei. Com base nessa premissa, Peirce define o símbolo:

Um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto. Assim, é, em si mesmo, uma lei ou tipo geral, ou seja, um legi-signo (PEIRCE, 2005, p. 52).

3. ANÁLISE SEMIÓTICA DOS MOVIMENTOS

Na série de televisão *The OA*, os movimentos são coreografados, mas usados como um ritual sério e de total expiração. Ao longa da série, os movimentos são descobertos por alguns personagens de forma involuntária. Eles só sabem que a partir daquele momento ele consegue fazer o movimento. Prairie ensina para outras pessoas que acabam aprendendo e usando no momento certo também, como se os movimentos também fossem feitos para eles.

O objetivo deste trabalho é, além de tudo, mostrar a semiótica das características apresentadas nos movimentos feito na série em conversão as regras utilizadas na teoria dos cinco estágios do luto de Elisabeth Kübler-Ross. Para isso, será analisando um Flashmob dos cinco movimentos, realizado em Nova York pela dançarina e youtuber Jess Grippio, que junto com uma equipe coreografou em frente ao hotel de Trump com a intenção de trazer proteção contra o poder sombrio.

O vídeo será analisado por movimento, e cada um deles tem seus ramos de outros movimentos. Com isso, os foto de cada movimentos será analisado pelas características de suas noções abstratas em relação com o seu significado dado por Elisabeth Kübler-Ross de acordo com a semiótica de Charles Peirce.

1º movimento = 1º estágio do luto: Negação





Como objeto, destacamos os movimentos feitos a cada imagem/frame, sendo assim, daremos fundamento aos signos dos movimentos. A coreografia se inicia com uma calma respiração e logo o primeiro movimento. Vemos as mãos em volta do coração formando algo parecido a um triângulo, sendo qualidades de nosso signo por meio de formas. Depois, as mãos vão para frente e faz um movimento que parece está lançando algo e ao mesmo tempo fazendo uma careta. As mãos vão rapidamente até a barriga, como um golpe e depois uma das mãos vai diretamente na boca, tira algo que parece sair voando logo depois. Na continuação, as mãos se unem e vão de um lado para o outro encostado na boca, como se as duas mãos fossem a própria boca que ao chegar do outro lado, fecha, vai ao centro e se divide em cada mão. Depois vai até o cabelo e desce pelo corpo com suavidade e é lançado a frente, fazendo alguns movimentos nos dedos que volta no peitoral que defende como uma proteção. Para finalizar o primeiro movimento, os braços se unem desde o cotovelo até a palma da mão, o que faz tampar o rosto e quando se abre, parece haver um alívio ao ver alguma coisa.

Com essa tentativa de expressar os sógnicos de formas no objeto, chegamos à parte mais importante, onde mostramos a análise da semiose dos movimentos. O primeiro Estágio do luto, onde a pessoa (paciente moribundo ou que perdeu alguém) nega que aquele acontecimento seja verdadeiro, é a negação. A pessoa procura entender o que aconteceu, acredita que aquilo só pode ser um pesadelo ou mentira. Nos movimentos da série, vemos que há características em comum quando parece haver um escudo com a

informação que aparece em volta do coração e depois algo tenta ser engolido, mas é rejeitado e cuspido. Isso se manifesta como representamen de legi-signos, a relação que há entre as regras de movimentos que lembram a notícia do luto que é muito difícil de engolir, por isso, cuspimos e não aceitamos.

No final do movimento, a informação vem novamente e dessa vez se choca com a realidade que é o nosso peito. Naquele choque, uma quebra de realidade faz com que paremos de se isolar a partir da negação. Agora, significa que caímos na real e o próximo movimento surge, assim como na teoria dos estágios do luto, o próximo luto.

2º movimento = 2º estágio do luto: Raiva



No 2ª movimento, após o passo que parece ser um alívio, temos uma passagem que o coreógrafo se abaixa e inicia o outro movimento, de forma contínua e rápida. Em sua qualidade, vemos as mãos abertas segurando o rosto e fazendo uma cara que parece expressar raiva. A mãos desce da nuca até o peito, como em um escorregador, que no

peitoral faz 3 passos com as mãos: o primeiro, as mãos ficam ao redor do coração; no segundo, elas se abrem até perto das axilas; e no terceiro ela se abre por completo, ficando de braços abertos. Em seguida, depois das palmas para cima, temos algo semelhante a uma roleta e depois umas das mãos vai ao peito se afasta, mas a outra puxa para o peito novamente e depois finaliza o segundo movimento com algo semelhante a um voo, onde uma das mãos permanece no peito e a outra fica atrás balançando como se fosse uma calda ou asa.

Através dos aspectos de suas qualidades (primeiridade), interpretamos (terceiridade) que as convenções do segundo movimento relacionado ao segundo estágio do luto (Raiva) traz um significado bem amplo e que faz total sentido. A raiva é simbolicamente representada como o grito inicial quando o primeiro passo é colocar as mãos ao redor da boca como se tivesse gritando. Em seguida, desce para o peito e se expande. Significa sobre a teoria que a raiva faz o ser humano gritar, e durante o luto ele aquela raiva entra e sai. No último passo desse movimento, a mão se afasta do peito e logo é puxada de novo. Isso significa que a raiva pode ser uma dor que queremos ter, pois queremos culpar alguém ou até mesmo nos culpar. Finalizando com algo que lembra um passado. Uma mão no peito e outra atrás mexendo. Isso representa o ser querendo voar ou podendo até querer se livrar do luto, mas o peso da raiva não deixa.

3º movimento = 3º estágio do luto: Barganha



Sugestivamente, o terceiro movimento se inicia com agressividade. As duas mãos são levadas até o alto e desce de uma vez no estômago. Depois as mãos vão para o rosto e fazem alguns movimentos que em suas qualidades como ícone, o objeto lembra alguém cobrindo os olhos, pois são repetidas vezes que as mãos passam pelo rosto.

Simbolicamente, o terceiro movimento representa a barganha, o terceiro estágio do luto. Nesse estágio, o luto é negociar e o primeiro movimento vemos a agressão. Significa que ainda estamos sendo machucado, por isso a barganha para criar possibilidades de algo melhor. Por último, os movimentos sobre o rosto representam uma negociação, acreditamos que por cobrir o rosto ou esconder os olhos, tudo pode mudar. Acreditamos que negociações podem ser feitas para superarmos.

4º movimento = 4º estágio do luto: Depressão



No quarto movimento, vemos que por suas qualidades icônicas por meio de formas, mostra, no primeiro passo, que a coreógrafa coloca uma das mãos na cintura e a outra passa desde a direita até a esquerda, como se tivesse dançando ou tentando pegar algo. No segundo e último passo deste movimento, vários socos são lançados sobre a barriga. Antes disso ela se encolhe.

Em sua representação, o primeiro passo significa que agora ela está sozinha, por isso um dos braços passa ao seu redor, para saber se ainda tinha alguém ou algo que pudesse fazer.

É o momento da maior dor, sendo assim, nos movimentos é representado por dois socos que mostra que além de sozinho, não tem mais jeito, esse é a sua tristeza eterna.

5º movimento = 5º estágio do luto: Aceitação



No quinto e último momento, temos apenas um passo. Uma mão desce pelo rosto usando dois dedos e a outra sobrepõe. A mão desce desde a testa até o peitoral e os olhos são fechados.

Esse é estágio essencial para cumprir o cinco o método de Kübler-Ross. Sem a aceitação, a depressão pode tomar de conta. Nesse processo de representação, o movimento usando indica o fechamento dos olhos assim que uma pessoa morre, como nos funerais. A aceitação nos movimentos deixa signos de que agora tudo está calmo e de que é hora descansar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a proposta de um problema semiótico das interpretações do que significava os movimentos usados na série de televisão *The OA*, que significado das coisas pode ser bem maior e inspirativo, fazendo com que sejamos levados a muitas ideias. Sobre a teoria dos 5 estágios do luto, é inevitável falar do quanto é interessante o modo como a série de ficção científica trata por meio de movimentos coreografados. Algo essencial para a população sendo transmitido por meio de um drama.

Portanto, concluímos que o modo como os significados do objeto foi representado, o símbolo argumentativo se manifesta pela padronização do comum entre os movimentos e a teoria. Sendo assim, representa um objeto real com noções abstratas, o símbolo. Demonstramos que movimentos simbólicos podem ser significativos para os fãs da série que através desse trabalho, agora entende o padrão usado na série.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, S. B. C. *Uma releitura da obra de Elisabeth Kubler-Ross*. 10 de junho de 2013.

GRIPPO, Jess. "**The OA Flashmob**" **Five Movements in front of Trump International Hotel NYC**. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=vLRNnC7GupQ&t=81s> Vídeo; Acessado em: 11 abr. 2019

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo, Martins Fontes, 3 de abril de 2017.

MENARD, René (1985). **Mitologia Greco-romana, vol. I**. Opus editora, São Paulo.

MICHAELIS, Dicionário. **MORTE**. Disponível em: <michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/morte/> Acessado em: 07 abr. 2019

NAPOLI, Beatriz. **O SIGNIFICADO DOS 5 MOVIMENTOS - THE OA**. Disponível em: <www.novonerd.com.br/o-significado-dos-5-movimentos-the-oa/> Acessado em: 09 abr. 2019

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo, Pioneiro Thomson Learning. 2002.

"**Santa Muerte: The New God in Town**". Time.com, 16 de outubro de 2007.
<<http://content.time.com/time/nation/article/0,8599,1671984,00.html>> Acessado em: 07 abr. 2019

SILVEIRA, L. F. B. **CHARLES SANDERS PEIRCE: CIÊNCIA ENQUANTO SEMIÓTICA**. Trans/Form/Ação, São Paulo, 12: 71 -84, 1989.